

E ASSIM SE PASSARAM 10 ANOS! ¹

Jane Felipe Beltrão²
Denise Pahl Schaan³
Hilton Pereira da Silva⁴

Da concepção dos campos da Antropologia

Dez anos é um tempo curto em termos institucionais, mas para quem participa da “empresa” é muito e, parece distante. Lá atrás, em 2007, quando insistimos na ideia, lançada por Andrea Kely Campos Ribeiro dos Santos e Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza, propondo a criação de um curso de Antropologia, em nível de pós-graduação com mestrado e doutorado, e nos seus quatro campos, tudo parecia quimera. Entretanto, a vida e as instituições são constituídas de passos ousados! A lembrança indica que os experientes desaconselharam os passos, alguns desprezaram a possibilidade contida na proposta, entretanto teimosas/os seguimos adiante.

Para testar nosso desejo, escrevemos uma proposta e submetemos a mesma a um Seminário que chamamos Antropologia em Foco, assim mesmo, sem número. Trabalhamos entusiasmadas/os.

Discutimos que a Antropologia de tradição norte-americana encontrava-se/encontra-se dividida em quatro campos, que são a Arqueologia antropológica, a Antropologia física ou biológica, ou ainda Bioantropologia, a Etnologia (ou Antropologia Sociocultural) e a Linguística antropológica. Analisando a tradição pensamos que os campos disciplinares pudessem fazer

¹ Primeira frase do bolero *Diez años* de Rafael Hernandez, que em português, no Brasil é conhecido como Dez Anos, divulgado que foi pela versão elaborada por Lourival Faissal e cantada por algumas de nossas melhores interpretes: Emilinha Borba, Tânia Alves, Gal Costa.

² Antropóloga, historiadora, professora titular, docente permanente dos programas de pós-graduação em Antropologia (PPGA) e Direito (PPGD) da Universidade Federal do Pará (UFPA) em Belém/Pará. Docente colaboradora do Programa de Antropologia Social (PPGAS) da Universidade de Mato Grosso do Sul (UFMS), em Campo Grande/MS. Bolsista de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) nível 1C. E-mail: janebeltrao@gmail.com.

³ *In memoriam*. Denise Pahl Schaan escreveu conosco Hilton Pereira da Silva e Jane Felipe Beltrão o projeto do *Antropologia em Foco*, apoiado à época pela CAPES, CNPq e UFPA com a finalidade de discutir o Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Nossa colega foi um grande esteio do curso que agora completa dez anos. O texto, ora apresentado, corresponde a uma adaptação do projeto feito em 2007.

⁴ Coordenador do Laboratório de Estudos Bioantropológicos em Saúde e Meio Ambiente (LEBIOS), docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), atualmente, coordenador do referido Programa, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Docente do Programa de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Sociedade na Amazônia (PPGSAS), do Instituto de Ciências da Saúde (ICS), ambos na Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém/Pará. E-mail: hdasilva@ufpa.br.

parte de um mesmo curso de Antropologia, no qual a/o discente fosse encorajado a cursar disciplinas dos quatro campos antes de especializar-se em um deles. A maneira holística de conceber a Antropologia, que possui sua origem no evolucionismo do século XIX, quando uma compreensão da evolução humana em todos os aspectos era desejada, desfez-se em alguns lugares por razões históricas durante o século XX, quando passamos a assistir a uma fragmentação cada vez maior, com uma emergência de fronteiras, ou até mesmo barreiras, entre os campos disciplinares. A capacidade que possuíam antropólogos como Boas, Kroeber, Sapir e Lowie de dominar amplos campos do conhecimento tornou-se bastante rara entre os estudiosos que os sucederam, tanto pelo volume dos avanços do conhecimento científico, quanto pela busca cada vez maior de especialização dentro da academia, fato que atingiu não só a Antropologia, mas todos os ramos do conhecimento.

Escudadas/os na concepção sentimos a necessidade de estudos interdisciplinares com a contribuição de outras ciências, reagindo de forma contrária à extrema fragmentação do conhecimento em todas as áreas. No Brasil, os campos da Antropologia, seguiram a tradição europeia (e especialmente a francesa), evoluíram separadamente e constituíram-se em campos de conhecimento abrigados em diferentes institutos e faculdades nas universidades, começando com Antropologia social basicamente francesa na Universidade de São Paulo, ainda nos anos 1930. Por sua vez a Arqueologia no Brasil nasceu dentro dos cursos de história – caso da Pontifícia Universidade Católica no Rio Grande do Sul (PUC-RS) e da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), posteriormente se desenvolveu relacionada a cursos de Antropologia ou em cursos próprios – caso do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) na Universidade de São Paulo (USP), do Museu Nacional na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do extinto curso de graduação em Arqueologia da Faculdade Estácio de Sá, também no Rio de Janeiro. A Linguística permaneceu, em geral, relacionada aos cursos de letras nas universidades, como por exemplo, na Universidade de Brasília (UnB), mas ainda guardou aproximação com a Antropologia praticada em museus, caso do Museu Nacional do Rio de Janeiro e do Museu Paraense Emílio Goeldi, no Pará.

A Antropologia biológica, por sua vez, permaneceu em departamentos de biologia ou genética, por exemplo, na Universidade Federal do Pará, Universidade de São Paulo e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com exceção do Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde integra o Departamento de Antropologia (juntamente com a Arqueologia, a Antropologia social e a Linguística), sem contudo desenvolver cursos de formação específica, de graduação ou pós-graduação, para futuros profissionais.

A própria formação de antropólogos/os a partir da graduação, com a união da Antropologia com a Sociologia e a Ciência Política em cursos de Ciências Sociais, e a conseqüente dispersão das demais disciplinas em cursos de Biologia, Letras e História, dificultou as muitas tentativas de reunir a disciplina em cursos de pós-graduação no Brasil. Especificamente, no caso da Universidade Federal do Pará, a graduação em Ciências Sociais formava, no início do século XXI, mais profissionais em Sociologia do que em Antropologia, pois as/os estudantes não viam perspectivas de trabalho em Antropologia, uma vez que sociólogos são mais requisitados pelo mercado de trabalho.

Na Universidade Federal do Pará, à época (2010) integrávamos um grupo de professores que atuavam/atuam de forma bastante ativa no estudo das diversas dimensões e variabilidade da experiência humana na Amazônia e suas mudanças no decurso do tempo e do espaço. Entendíamos nós que nossos estudos poderiam se beneficiar grandemente de maior interação entre os profissionais especializados em cada um dos campos antropológicos, contribuindo significativamente para o aprimoramento de abordagens teóricas e metodológicas utilizadas, assim como uma melhor compreensão dos processos de mudança biossociocultural da Panamazônia. Nesse contexto, nós, Denise Pahl Schaan, Hilton Pereira da Silva e Jane Felipe Beltrão imaginamos submeter o projeto de um programa de pós-graduação em Antropologia nos quatro campos a um simpósio, no qual se debatesse a interdisciplinaridade na área, concebendo maneiras de diminuir as fronteiras entre os diversos campos em relação à pesquisa, ao ensino e à comunicação do conhecimento dentro e fora da Universidade.

Da utopia dos objetivos

Concebida a proposta do Simpósio, elencamos como objetivos a serem perseguidos o debate da interdisciplinaridade em Antropologia, refletindo sobre a teoria e prática antropológica e concebendo maneiras de diminuir as fronteiras entre as diversas disciplinas da Antropologia na pesquisa, no ensino e na extensão. Esperando compartilhar experiências de cruzamento de fronteiras disciplinares, avaliando possibilidades e limites de ação que permitissem refletir sobre os rumos da pesquisa antropológica na Amazônia. Examinando programas de pesquisa, paradigmas e modelos multidisciplinares, comparando e avaliando-os. Uma vez mais, há dez anos, os objetivos pareciam demasiadamente longe do alcance de nossas mãos, e não eram poucos os que os consideravam inalcançáveis. Entretanto esse era o desafio!

Da relevância da proposta para Amazônia

Justificamos a necessidade de execução da proposta do seminário considerando que existe, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos e Europa, um movimento acadêmico no sentido de repensar o lugar dos quatro campos da Antropologia, não buscando voltar ao passado, mas no sentido de conceber a unificação a partir da realidade do século XXI. É importante notar que nos EUA e na Europa, existe uma tentativa de recapturar a relevância dos quatro campos em contextos novos, em função de temas como o transnacionalismo, a globalização, a migração, as epidemias e a ética em pesquisas biossociais que continuam em voga nos países do hemisfério Norte.

Mas não se tratou e, nem se trata de imitação acadêmica. Na Amazônia, entendemos que é preciso uma nova visão vinculando as áreas tradicionais ao redor de temas que contribuam substancialmente para a compreensão dos problemas específicos da região. Não basta que os profissionais dos diferentes campos antropológicos trabalhem juntos em projetos multidisciplinares. É necessário que falem a mesma língua, que compartilhem pressupostos teóricos e utilizem ferramentas metodológicas afins. Percebemos que, enquanto os quatro campos maiores parecem bem definidos, outras disciplinas valem-se de abordagens que cruzam

essas fronteiras. Por exemplo, a Antropologia forense precisa das técnicas e teorias interpretativas arqueológicas para realizar a escavação de restos humanos de interesse policial, assim como do conhecimento da Antropologia física para estudar esses achados. Uma aproximação entre Arqueologia e Bioantropologia é também desejável para o estudo da evolução dos problemas relativos à saúde e à doença de seres humanos ao longo do tempo. Questões linguísticas e etnológicas, relativas à construção de significados simbólicos que resultam em determinados comportamentos sociais e relações com o meio ambiente, claramente também dizem respeito a estudos sobre conflitos ambientais, seus impactos na saúde das populações humanas e a emergência de novas doenças da contemporaneidade. Logo, como podemos estudar a trajetória humana na Amazônia prescindindo de uma abordagem antropológica integrada?

Paisagens antropogênicas na Amazônia são reconhecidas por estudos etnobotânicos e arqueológicos, que são interrelacionados à pesquisa de Ecologia histórica da região, enquanto que a linguística, a Etnologia e a Bioantropologia vêm demonstrar a diversidade biológica e cultural das populações locais em sua trajetória de ocupação das terras baixas tropicais. Existe história na linguística: cognatos em diversas línguas indicam traços do passado, como a existência de agricultura e cultígenos extremamente antigos e que não possuem evidências documentais ou outras formas de comunicação por escrito, do passado remoto. Tal história nos informa sobre nossos dados escavados, como por exemplo, a origem dos fitólitos das espécies cultivadas. A Bioantropologia e a Bioarqueologia nos contam sobre o valor nutricional e a diversidade desses organismos nas dietas há muito tempo extintas com seus praticantes. Tudo isso representa uma abordagem global, sintética, em que apenas uma ou outra – ou seja, os campos da Antropologia fragmentados e isolados dentro de seus limites intelectuais – é incompleto sem as demais partes, fato que produz certa opacidade na compreensão e aproveitamento dos resultados.

O estudo do comportamento humano em sua relação com o meio ambiente, no presente, pode ser informado por processos que ocorreram no passado e vice-versa, necessitando de visão que seja ao mesmo tempo arqueológica, etnológica, linguística e biológica. Isto é, respostas a nossas perguntas mais profundas sobre a Amazônia e as interrelações paisagísticas da “natureza”, ou desta com os seres humanos são concebíveis mais racional e satisfatoriamente a partir de óticas que privilegiem a unificação das várias disciplinas da Antropologia. Uma ou outra acaba sendo insuficiente para endereçar seriamente perguntas fundamentais. Por exemplo, como se deu a ocupação humana da Amazônia? Quando e por que a agricultura começou na Amazônia? Quais eram as populações humanas em termos de número, densidade e complexidade político-social na época logo anterior à chegada dos europeus? Quais tecnologias e artes deles podemos empregar, hoje em dia, para pensar novos conceitos relativos à diversidade cultural e biológica regional, diante do avanço das atuais ameaças tanto à sociodiversidade, quanto à biodiversidade com a globalização e sua crescente demanda externa por recursos e bens naturais?

Claramente, o estudo da ocupação humana da Amazônia necessita urgentemente de uma abordagem antropológica mais abrangente. Propusemos iniciar esta abordagem nova no contexto do simpósio.

O evento proposto há dez anos, buscou debater a Antropologia praticada à época, discutindo o realizado e a que queríamos realizar. Para tal, contou-se com uma ampla linhagem de antropólogos convidados de diversas regiões do Brasil e do exterior com os quais interagíamos a época.

Da programação

E assim pensando, elaborou-se a programação. O Seminário discutiu a proposta de criação do curso, a partir de cinco eixos: (1) A Realidade da Antropologia nos EUA e no Brasil - Reflexões sobre a História dos quatro campos e a situação atual; (2) A Antropologia no Brasil: é a interdisciplinaridade possível? (3) Diminuindo Fronteiras entre os campos antropológicos: a formação de antropólogos/os no Brasil; (4) Fazendo Antropologia na Amazônia: questões inter (campos) disciplinares: Etnologia, Arqueologia, Bioantropologia e Genética; e (5) Fazendo Antropologia na Amazônia: questões inter(campos)disciplinares: Etnologia, Linguística e Arqueologia. Contou-se com debatedores experientes em relação à abordagem pretendida: Dr. William Balée da Tulane University, Nova Orleans, EUA; Dr. Francisco Mauro Salzano, de saudosa memória, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Dr. Otávio Cardoso Alves Velho da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Dr. Carlos Alberto Caroso Soares da Universidade Federal da Bahia; Dra. Fabíola Silva do Museu de Arqueologia e Etnologia-Universidade de São Paulo; Dr. Michael Heckenberger da Universidade da Flórida, Gainesville, EUA; e Dr. Ricardo Ventura Santos do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Escola Nacional de Saúde Pública (Fiocruz).

A proposta de trabalho foi bem aceita pelas/os convidadas/os, que debateram as possibilidades de um Programa de Antropologia nos quatro campos e de sua importância para Amazônia. O resultado do Simpósio nos ofereceu fôlego para avançar na construção do novo Programa que agora, em 2019, faz dez anos.

Encerra-se aqui o início da história, entretanto há muito a contar, daremos continuidade em alguma nova oportunidade...